

A metalinguagem nos gêneros da imprensa

Edvânia Gomes da Silva *

Resumo:

Este trabalho investiga a presença da metalinguagem explícita e implícita em editoriais, artigos de opinião e reportagens, buscando observar quais os recursos que a imprensa escrita utiliza para fazer referência ao seu próprio dizer e quais as funções desses recursos nos três gêneros analisados. Os resultados preliminares permitem concluir que a presença da metalinguagem nos textos analisados está ligada à construção e à argumentação desses textos.

O objetivo deste trabalho é estudar a metalinguagem explícita -comentários metadiscursivos- e implícita -estrutura visual, incluindo os sinais tipográficos- em alguns gêneros da imprensa. Trata-se, portanto, de observar quais os recursos que a imprensa escrita utiliza para fazer referência ao seu próprio dizer e quais as funções desses recursos na construção do texto. Para realizar essa pesquisa, analisamos editoriais, artigos de opinião e reportagens publicados nos seguintes veículos de comunicação: *Jornal do Commercio, Folha de São Paulo e Veja*. Escolhemos esses três gêneros porque são os que melhor caracterizam a imprensa escrita. Após a leitura de 15 textos, selecionamos, um exemplar de cada gênero, privilegiando os textos que apresentaram o maior número de comentários metadiscursivos. Na análise, identificamos a metalinguagem nos textos e investigamos quais os aspectos, de cada gênero, que determinam a ausência ou a presença dessa metalinguagem. Este estudo está baseado em Arabyan (1999), Borillo (1985), Cunha (1999), François (1994) e van Dijk (1992).

É importante salientar ainda que estamos considerando o conceito de gênero segundo a classificação proposta por Marcuschi (1996:5) quando afirma que "o *gênero textual* é uma forma linguisticamente realizada e encontrada nos diversos textos empíricos. Isto se expressa em designações diversas, tais como: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula, notícia jornalística, horóscopo, receita de comida, bula de remédio, instruções de uso, outdoor etc.*" Dessa forma, quando classificamos o editorial, o artigo de opinião e a reportagem como gêneros da imprensa estamos tomando como base esta definição.

1. Fundamentação Teórica:

Os estudos feitos no campo da metalinguagem apresentam diferentes formas de definir a atividade *meta*. Nesses estudos, encontramos os conceitos de metalíngua, metadiscorso, metaenunciação, metacomunicação. Neste trabalho, adotamos o conceito de metalinguagem por ser o mais amplo e englobar os demais.

Tradicionalmente, a metalíngua refere-se ao uso da língua para fazer referên-

*Trabalho desenvolvido no projeto *Fala e Escrita: Características e Usos III*, vinculado ao subprojeto *A Metaenunciação na Atividade Discursiva Falada e Escrita*, sob a orientação da Prof^a. Dóris de Arruda C. da Cunha, em 1999.1.

cia ao próprio código. Ou seja, os primeiros trabalhos estudavam as formas de se referir aos elementos da *língua* no sentido saussuriano do termo. A partir dos estudos sobre o discurso, passou-se a analisar também o metadiscurso que é definido como “a realização concreta da metalíngua” (Borillo, 1985:47). O metadiscurso é, portanto, o ato de referir-se ao seu próprio dizer e não a um termo da língua. Borillo (1985) aponta três tipos de comentários metadiscursivos: os que fazem referência ao discurso para explicar o código (*no sentido de, aí entenda-se*); os que fazem referência às condições enunciativas (*está claro?, você está entendendo?*); os que fazem referência à construção do próprio discurso (*para concluir, fazendo um parêntese*). François (1994) estuda a metalinguagem implícita e a define como sendo tudo aquilo que nos faz perceber o que um texto diz sobre ele mesmo, pois o texto é implicitamente a apresentação de si, isto é, ele se mostra como relato de ficção ou da realidade, como paródia, etc. Segundo Cunha (1999), essa apresentação de si pode ser feita através da *estrutura visual* do texto – tipo de letra, paragrafação, pontuação, diagramação, aspas, itálico, negrito. Essa estrutura visual, que segundo Arabyan (1999:99) “pertence ao modo de significar do texto”, funciona como uma metalinguagem.

2. Análise do Corpus:

Apresentamos aqui um breve resumo dos artigos e a análise de alguns exemplos de cada um deles.

Texto 1 – Editorial - Quem é contra a Sudene? (Jornal do Commercio, 17/03/1993)

O texto apresenta o ponto de vista do *Jornal do Commercio* no que diz respeito à venda da Sudene. A posição defendida pelo jornal é que os maiores culpados por essa venda não são os políticos do sul, mas os próprios nordestinos. Encontramos, nesse texto, além dos exemplos que serão analisados abaixo, comentários *meta* que explicam o sentido de um termo ou que atribuem a outro o uso de uma expressão. A partir da análise desse artigo, pudemos constatar que a maioria dos exemplos de metalinguagem presentes no texto busca reforçar o caráter argumentativo do gênero editorial.

Exemplo 1:

“É preciso que se diga com todas as letras: não são os empresários do Centro Sul, ‘insatisfeitos com as medidas de moralização’, conforme já foi escrito, que querem acabar com a Sudene”.

Nesse exemplo, a primeira glosa marca e destaca a importância do ponto de vista defendido nesse editorial e a expressão *com todas as letras* enfatiza esse ponto de vista. A segunda glosa desse exemplo funciona como uma marca redundante de discurso reportado, pois as aspas já indicam que se trata do discurso de outrem que circula nesse debate.

Exemplo 2:

“Já está em tempo de lembrar que todas as campanhas contra o organismo criado no governo JK nasceram aqui mesmo no Nordeste”

Aqui, a glosa metadiscursiva destaca e enfatiza o primeiro argumento usado para sustentar o ponto de vista do jornal.

Exemplo 3:

“A Sudene veio para mudar o perfil do Nordeste, a partir do reconhecimento de que o Governo historicamente empregava boa quantidade de recursos na área, mas lhe faltava um órgão coordenador e orientador de prioridades. Antes dele, *é bom que se acientue*, existiram (e não foram extintos) o Dnocs, o Banco do Nordeste, a Codevasf”.

Temos aqui mais uma ocorrência de um enunciado metadiscursivo com a função de destacar o argumento utilizado pelo editor, buscando assim reforçar o ponto de vista do jornal.

Exemplo 4:

“*Há quem diga, maldosamente*, que o grande mal da Sudene foi o de ser instalada no Recife, /.../.”

Nesse exemplo, o comentário *meta* atribui a outro a autoria de um enunciado. O modalizador *maldosamente* também funciona como metalinguagem porque, além de fazer referência ao modo como o enunciado foi dito, indica que o jornal está criticando os autores desse enunciado.

Nesse texto, a metalinguagem implícita está presente na própria estrutura visual, a começar pelo fato de o artigo não estar assinado, o que caracteriza o gênero editorial. Além disso, a própria posição do texto na página do jornal e a escolha do título, que indica tratar-se de um texto argumentativo, também funcionam como metalinguagem implícita, pois contribuem para a compreensão do editorial.

Texto 2 – Artigo de Opinião - O Itamaraty é racista (Argemiro Procópio. Veja, 15/06/1994)

Esse artigo, retirado da seção PONTO DE VISTA da revista *Veja*, faz uma crítica ao preconceito racial, dentro do Itamaraty, e à política brasileira em geral. O título revela o ponto de vista do autor, que constrói o texto com vários argumentos para sustentá-lo. Os enunciados *meta* encontrados são usados para acrescentar ou enfatizar algum argumento. Dessa forma, podemos afirmar que a presença da metalinguagem, também nesse gênero, tem uma função argumentativa.

Exemplo 1:

“Mas como poderão os embaixadores brasileiros representar e divulgar a tolerância racial se a ausência de negros -e de pobres, *é bom que se diga*- em seus quadros comprova não só a alienação social como também demonstra que a democracia racial naquela casa é uma farsa?”

Nesse exemplo, a glosa *é bom que se diga* enfatiza a retomada da palavra *pobre*, que havia sido mencionada no início do editorial, quando o articulista introduz o tema do artigo - “*Se você é pobre e pretende tornar-se um diplomata brasileiro, suas*

chances são pequenas. Mas se você é negro, suas chances são praticamente nulas". O autor procura destacar a palavra *pobre* também através do uso do travessão -recurso gráfico que funciona como uma metalinguagem implícita, porque serve para colocar um termo em destaque. Com isso o enunciado ressalta que no Itamaraty não há pobres porque, no Brasil, os pretos também são os mais pobres.

Exemplo 2:

"Há embaixadores que, além de viver no luxo e na opulência de suas embaixadas - algumas das quais verdadeiros palácios -, recebem salários diretos e indiretos que ultrapassam os 20.000 dólares. *Isso significa que*, à custa do contribuinte, a nação, que não tem escolas nem hospitais para atender adequadamente seus filhos, paga a seus representantes no exterior somas com as quais a maioria dos embaixadores de países desenvolvidos nem pode sonhar."

No exemplo acima, o metadiscorso introduz uma explicação do que foi dito no enunciado anterior acrescentando dados que desenvolvem a argumentação do texto. O primeiro dado é que o dinheiro para pagar aos embaixadores sai do bolso do contribuinte. O segundo é que, enquanto os embaixadores recebem 20.000 dólares mensais, o povo não tem escolas nem hospitais para seus filhos. O terceiro é que nem mesmo nos países desenvolvidos os embaixadores recebem salários tão altos.

Exemplo 3:

"Nos Estados Unidos os negros são 12,1% da população. Estatísticas mostram que 11% dos diplomatas americanos de carreira são negros, amarelos ou hispânicos. Essas minorias ocupavam, no final de 1993, catorze embaixadas. *Vale dizer*, 9% do total de embaixadores eram de minorias étnicas."

Nesse exemplo, *vale dizer* destaca a importância de mais um argumento contra a posição do Itamaraty, mostrando que, até nos EUA, onde os negros são a menor parte da população, há menos preconceito que no Brasil.

Vejam os a metalinguagem implícita nesse artigo. Primeiro o nome da seção em caixa alta -PONTO DE VISTA- que já indica a qual gênero o artigo pertence. Depois o título, *O Itamaraty é racista*, com o tipo de letra "univers" e em negrito, que marca o caráter crítico do texto. Abaixo do título encontramos um extrato do texto entre aspas – "*O Brasil não pode defender a igualdade entre os povos se a democracia naquela casa é uma farsa*", que resume o tema do ponto de vista. Por fim, o nome do autor. Além dessa estrutura visual, encontramos, no texto, o uso das aspas para marcar a ironia do jornalista quando se refere aos critérios de escolha dos embaixadores do Itamaraty. É o que mostra o exemplo abaixo:

Exemplo 4:

"Tendo sorte e não deparando com a política de *"boa aparência"*, (os diplomatas negros) esperarão dentro dos atuais cri-

térios nada menos que um quarto de século para que sejam nomeados embaixadores.”

Texto 3 – Reportagem - Peões são vendidos por R\$ 3 a fazendeiros (Luiz Maklouf Carvalho – Economia. Folha de São Paulo, 24/05/1998)

Esse artigo tem como tema a exploração dos trabalhadores rurais, tratados como escravos, nas fazendas do interior do Pará. As glosas metadiscursivas desse texto fazem referência ao processo de nomear marcando de três formas distintas a existência de um outro discurso, no caso a linguagem utilizada pelos “personagens” envolvidos na história. Vejamos o exemplo abaixo:

“O peão de trecho hospeda-se de graça – até que, a soldo de fazendeiros que afrontam a lei, um empreiteiro de homens, *o chamado ‘gato’*, vai buscar a peãozada para o trabalho pesado de derrubada da mata ou de roçagem de pastos ‘sujos’ (*a chamada ‘juquira’*).”

Aqui, o jornalista, para distanciar-se da autoria dos termos “*gato*” e “*juquira*”, utiliza a expressão *o chamado (a chamada)*, além das aspas e da definição dos termos nessa variedade lingüística. Encontramos nesse texto mais dois exemplos desse tipo, o que mostra a busca de imparcialidade no gênero reportagem.

O metadiscorso implícito dessa reportagem, além do uso das aspas, se manifesta através da presença do que van Dijk (1992) chama de categorias óbvias do esquema noticioso. A primeira categoria é a *manchete* – *Peões são vendidos por R\$ 3 a fazendeiros*. A segunda categoria é o *lead*, que é uma espécie de resumo da notícia – *EXPLORAÇÃO Contrariando a lei, proprietários rurais contratam trabalhadores em condições análogas a escravidão*. Depois temos a categoria *episódio* na qual há o relato do evento principal, que nesse texto é a escravização dos trabalhadores rurais.

Conclusão

As primeiras análises realizada permitem concluir que a presença da metalinguagem nos textos de opinião está ligada à argumentação. Tanto nos editoriais quanto nos artigos de opinião, que são gêneros argumentativos, os enunciados *meta* surgem para reforçar ou enfatizar algum argumento. Isso porque o jornalista busca a adesão do leitor ao ponto de vista que está defendendo no artigo. No gênero reportagem, a metalinguagem explícita quase não aparece, excetuando-se os casos nos quais o jornalista faz referência ao próprio código para explicitar o processo de nomear e assim distanciar-se da autoria de alguns termos. Porém, a metalinguagem implícita está muito presente nesse gênero e serve para marcar cada uma das etapas que compõem a reportagem. Assim, podemos afirmar que a metalinguagem, implícita ou explícita, é um recurso essencial na construção dos textos da imprensa.

Referências Bibliográficas

- ARABYAN, M. (1999). "Boa idéia": indagações sobre o canal tipográfico na escrita. *In* D. Moura (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, EDUFAL, pp.99-102.
- BORILLO, A. (1985). Discours ou metadiscours? *DRLAV*, 32:47-61.
- CUNHA, D. de A. C. da. (1999). A metaenunciação na atividade discursiva falada e escrita. *In* D. Moura (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, EDUFAL, pp.95-98.
- FRANÇOIS, F. (1994). Métalangage, folie, interprétation, quelques remarques sur Perceval le fou, autobiographie d'un schizophrène. *CALAP*, 12:99-123.
- MARCUSCHI, L. A.; HOFFNAGEL, J. C.; CUNHA, D. de A. C. da; BARROS, K. S. de. (1998). *Fala e Escrita: Características e Usos III, (referenciação, identidade, metaenunciação e interatividade na atividade discursiva)*. Projeto Integrado apresentado ao CNPq, Recife (mimeo).
- MARCUSCHI, L. A. (1998). Por uma Proposta para Classificação dos Gêneros Textuais. (mimeo).
- van DIJK, T. A. (1992). *Cognição, discurso e interação*. São Paulo, Contexto.